



Arquivo Nacional, acervo Maria Beatriz Nascimento 

Beatriz Nascimento

Por: Sandra Martins da Silva¹

¹ Jornalista e mestra em História Comparada (UFRJ); membro da JEDUCA – Associação de Jornalistas em Educação; membro da ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros; membro da ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. E-mail: smartins3.jor@gmail.com

A Terra é meu quilombo. Onde estou, eu estou. 1942 -1995²

*Tudo começou com Eduardo.
É preciso saber de onde se vem,
para saber aonde se vai.
E eu já estava.
Já não ia, nem vinha.³*

Em novembro de 1977, no dia 21, às 19h, no Instituto de Ciências, História e Filosofia da Universidade Federal (ICHF), uma atividade acadêmica teve de ser realizada de forma inusitada: às escuras. Era a abertura da terceira “Semana de Estudos sob a Contribuição do Negro na Sociedade Brasileira”. A sala localizava-se na Faculdade de Direito, estava cheia, cerca de cinquenta pessoas, entre convidados e palestrantes.

Todas as outras do corredor estavam iluminadas, com o natural ritmo das aulas. Aquela às escuras, era “a única sala do corredor sem luz era a que tinha pretos juntos!” Porém, também, tornou-se a única de onde “saíam urros vitoriosos de mãos que se energizavam a cada toque nos atabaques. Era Djalma Correa⁴, um monstro na percussão. Ficou bonito. E, a gente realizou a Semana de Estudos com luz de velas”, disse, o então, graduando de geografia, Andreino de Oliveira Campos⁵.

André, como era chamado carinhosamente, integrava o Grupo de Trabalhos André Rebouças (GTAR), produtor daquela atividade extraclasse. O grupo era formado por graduandos/as de diferentes áreas - História, Ciências Sociais, Química, Geografia, Comunicação. Eles tinham que resolver o problema rapidamente. E, encontraram uma solução criativa. Conseguiram velas e as colocaram de forma estratégica na sala.

Talvez seja um exagero pensar em boicote... Mas, era. Afinal o Brasil, em 1977 era comandado por generais, assim como “não existia nada além da democracia racial.” E, conforme Andreino, naquele contexto “uma meia dúzia de pretinhos cismava de se juntar a outra meia dúzia de branquinhos para pensarem numa outra história do Brasil. Nada de inventar a roda, mas já a inventando. Pois eles só estavam querendo contar a sua versão dos fatos”.

De acordo com Andreino, Beatriz, escalada para abrir os trabalhos, ficara imóvel, como se estivesse “300, 400 anos para trás, 300, 400 anos para frente.

2 Trecho de texto do documentário “Ori” (2008).

3 De Beatriz Nascimento para Eduardo Oliveira e Oliveira. Nascimento, Beatriz. Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015, p. 84.

4 Djalma Novaes Correa (1942/), instrumentista, compositor, pesquisador de música e cultura popular formou-se pela Universidade Federal da Bahia, criador do Baiafro.

5 Entrevista de Andreino de Oliveira Campos concedida à Sandra Martins, em 05 de abril de 2017.

Seção Aruanda

Marlene e Berriel⁶. Na plateia, professores, alunos e, certamente, agentes infiltrados⁷ que foram ver o debate, que seria realizado por pesquisadores como Eduardo Oliveira e Oliveira, Carlos Hasenbalg, José Bonifácio Rodrigues e Décio Freitas, e que teria Beatriz como mediadora. Interessante registrar que o Clóvis Moura também esteve presente, mas na condição de observador. Afinal, ali se encontravam estudiosos da temática que ele abraçara há décadas.

O projetar de idas e vindas entre passado, futuro e presente, feito por Beatriz, ao qual Andreelino aludira, era feito o tempo todo. “O GTAR, digo hoje, que essas idas e vindas é porque a gente está sempre surtado. Essas idas e vindas, nossos ancestrais, as condições em que viveram e que vivem, nos obriga a sermos criativos, de alguma forma, mesmo que não tenhamos no lombo as chicotadas, elas (condições) continuam nos chicoteando. E Beatriz ficava muito doente com isso, porque na realidade ela falava sozinha.” Não raro, falamos sozinhos, até entre nós.

No debate sobre quilombos, aquele trio era referência. Cada um com suas especificidades. Décio e Clóvis mais acadêmicos: “foram até o campo, aqui e acolá. Mais teóricos. Ela também era teórica, mas o campo sustentava seu trabalho.” No seu entendimento, Beatriz superava os dois estudiosos por apresentar uma perspectiva totalmente diferente. Porém, sem uma obra de cunho acadêmico, como a que os dois tinham, ela não teve a ressonância que merecia. “E, isso é um diferencial brutal.”

Sem se satisfazer com uma leitura, Beatriz retornava ao campo para conferir os dados e aprofundar mais as pesquisas. Sem recursos, tinha o apoio da família – as irmãs – que dava a sustentação para que fizesse campo. E, com isso, ela pode apresentar estruturas diferentes. Na atualidade, Andreelino Campos também se tornou referência quanto a quilombos periurbanos. Vê-se muito teórico, mas não dispensa o campo, fazendo sempre que possível. “Acho que herdei dela. Não me satisfaço somente com livro. Prefiro fazer incursões por áreas que muitos não vão mesmo.” Parte de sua pesquisa, diz o ex-orientando da historiadora, era fruto da Beatriz. “Mas também é fruto da história das irmãs dela. Muito mais Carmo, que era a mais velha, Rosa, e Beatriz que era professora. Essas pessoas eram lindas, cada um com sua lindeza à parte.”

E falar um pouco desta “lindeza” é a proposta deste texto. Uma singela homenagem a esta intelectual que concebeu uma verdadeira “escola de pensadores”: o GTAR. Para ela, o grupo era onde se apoiava “emocional e intelectualmente”.

Os seus integrantes são hoje profissionais de outras áreas que não a de ciências humanas: tem gente de tecnologia, química e física. Mas, nos conhecemos todos quando eles eram estudantes e eram alunos meus, do Eduardo de Oliveira e Oliveira, da professora Maria Berriel, do professor Carlos Hasenbalg e de Ivone Maggie. O nosso trabalho começou na época braba mesmo, em 1974, em plena gestão do AI-5, quando juntar gente para discutir esses assuntos era perigoso (COSTA, 1982, p. 195).

6 Maria Maia de Oliveira Berriel, antropóloga, professora e diretora do ICHÉ/UFF, entre 1975 a 1979.

7 Pesquisas de Ludmila Gama Pereira (2017) trata de instituições de ensino superior que mantiveram agentes ligados à Reitoria, durante o regime militar, como a UFF.

Seção Aruanda

Abrir o texto com o depoimento de um fundador do GTAR teve uma intencionalidade: a de registrar que o grupo conseguira levar dois de seus integrantes à pós-graduação e um deles à docência em uma universidade pública. Andreelino de Oliveira Campos e Marlene de Oliveira Cunha foram os primeiros frutos germinados no projeto teórico e político concebido por Beatriz Nascimento, com apoio generoso do sociólogo Eduardo Oliveira e Oliveira, para a formação de uma intelectualidade negra no espaço acadêmico (AUGUSTO DOS SANTOS, 2011; RATTS, 2009; SILVA, 2018).

Destaque-se que Andreelino e Marlene se embrenharam nos caminhos apontados pela mestra que defendia a construção de uma História do Negro dentro da História do Brasil, entretanto, escrita também por negros/as, com autonomia e a subjetividade negra (RATTS, 2007; BARRETO, 2018). Para tanto, seria imprescindível que o meio acadêmico dialogasse com outras visões e perspectivas, por meio de um “estudo científico em todas as universidades sobre as relações raciais no Brasil” (SILVA, 2018, p. 22).

Marlene (1950/1988), primeira presidenta do GTAR, fez suas pesquisas sobre religiões afro-brasileiras. Sua dissertação de mestrado, “Em busca de um espaço gestual no candomblé de Angola”, defendida, em 1986, na Universidade de São Paulo (USP), foi pioneira “na temática relacionada às gestualidades, envolvendo corpo e a dança, relacionando-as com a questão da ancestralidade africana no Brasil” (CUNHA, 2017). A antropóloga, amiga pessoal de Beatriz, atuou em inúmeras pesquisas de campo da historiadora, levantando dados sobre os quilombos visitados, como o de Carmo da Mata (MG).

Por seu turno, Andreelino (1949/2018) buscou, em suas investigações, analisar, no mestrado, os quilombos periurbanos engolidos pela urbe - “Do Quilombo à Favela: a produção do ‘espaço criminalizado’ no Rio de Janeiro”, defendido, em 1998, na UFRJ. Em 2006, no doutorado, discutiu o processo de promoção da segregação socioespacial que impacta fortemente nos afrodescendentes potencializando todos os tipos de preconceitos - “O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro”. A partir de 1998, passa a integrar o quadro de docentes da Faculdade de Formação de Professores (FFP |) da UERJ, onde era professor adjunto.

É possível intuir possíveis ligações entre a linha de pensamento de Andreelino com a de Beatriz, em especial no tocante às reflexões que ela discutia com relação à continuidade e descontinuidade histórica dos quilombos com atuais áreas favelizadas, assim como áreas rurais de economia em transformação. Na concepção da historiadora, “a continuidade histórica atua como um fator mobilizador e perpetuador da organização de núcleos negros frente às adversidades sociais, culturais, políticas, econômicas, militares” (VINHAS, 2016, p. 273).

Mesmo não tendo contato direto com Beatriz Nascimento, ela foi marcante na minha formação teórico-política como mulher negra na luta contra o racismo, levando este tema para o campo da comunicação. Eu a vi somente em um encontro casual na Cinelândia, no início dos anos 1990. Em outro momento, me foi oportunizada a feitura do projeto gráfico do jornal Mergulho, um tabloide⁸. Nessa

Seção Aruanda

publicação, a historiadora publicara um denso artigo, “A luta dos quilombos: ontem, hoje e amanhã”, em que historicizava o conceito de quilombo e discutia o de continuidade histórica. O último encontro energético foi na missa em sua homenagem, na Lagoa, em 1995. Um dia triste, doloroso, ela partira de forma terrível. No dia 28 de janeiro, ela estava com uma amiga em um bar em Botafogo, quando o namorado violento da moça apareceu agressivo. Beatriz a defendeu e foi assassinada com três tiros. Deixou uma filha, Bethânia Gomes (VINHAS, 2016, p. 22).

Intelectual, pesquisadora e ativista, Maria Beatriz Nascimento foi uma das grandes intelectuais que o Brasil teve nos estudos sobre quilombos, questões étnicas e raciais e condição da mulher negra na sociedade brasileira.⁹ Produziu intensamente por quase três décadas, porém com poucas publicações, se compararmos com intelectuais brancos. Autores como Negro e Gomes (2013); Ratts (2009) e Vinhas (2016) analisam os silêncios, invisibilidades, apagamentos da produção intelectual, narrativas e feitos dos descendentes de africanos. É possível e necessário “resgatar” alguns intelectuais negros da década de 1970 (Silva, Togo e Gomes, 2016), como o de Beatriz.

A sergipana, de Aracajú, “Bia”, nascida em 12 de julho de 1942, era a oitava entre dez irmãs/aos. Por volta dos sete anos, seus pais – dona de casa Rubina Pereira do Nascimento e o pedreiro Francisco Xavier do Nascimento – se mudam com toda a família para o Rio de Janeiro. Era a década de 1950, o apogeu do fluxo migratório de nordestinos para o Sudeste: em busca de melhores condições de vida. Depois de vários anos morando no bairro de Cordovil, no subúrbio carioca, a família Nascimento se estabelece em Botafogo, Zona Sul. “Racismo e sexismo marcaram a infância de Beatriz”, traço comum na vida das mulheres negras brasileiras (BARROS, 2018).

Aos 28 anos, em 1968, inicia a graduação em História na UFRJ. Estagiou no Arquivo Nacional com o historiador José Honório Rodrigues, seu orientador em várias pesquisas. Atuou como pesquisadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no setor de História Oral, assim como documentarista do Museu Histórico Nacional. Formou-se em 1971, trabalhou como professora de História na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, articulando pesquisa e ensino, assim como fez inúmeras consultorias no campo das relações raciais.

Na década de 1970, dedicou-se mais à militância intelectual. Apoiou a mobilização que ocorria no Centro de Estudos Afro-Asiático, no então, Centro Universitário Candido Mendes, que queria formar grupos de pesquisas com foco nas questões negras e relações do Brasil e África. Nesse período, faz uma especialização em História na UFF, com Maria Maia Berriel e, por conta de um projeto de pesquisa sobre desigualdades raciais e mobilidade social, encaminhou seus bolsistas para o CEAA em busca de bibliografia. Firmou-se uma parceria institucional entre o ICHF/UFF e o Afro-asiáticos: de um lado, o interesse nos

8 Formato de jornal, próximo à metade de um jornal do tamanho “standard”. Vem do estilo de jornalismo conhecido como 'jornalismo de tabloide' que compactava histórias em formas curtas, de fácil leitura e geralmente exageradas.

9 Ricardo Alexino faz um panorama do ativismo intelectual de Beatriz Nascimento tecendo críticas a pouca visibilidade ao seu legado no espaço acadêmico, que praticamente fica limitado aos esforços da militância acadêmica. Disponível em <<http://jornal.usp.br/atualidades/a-contribuicao-de-beatriz-nascimento-para-o-estudo-sobre-o-negro/>>, acesso em 19 setembro 2017.

Seção Aruanda

resultados da pesquisa, de outro, o acervo bibliográfico e rodas de conversa com estudantes, profissionais liberais e servidores. O objetivo era a criação de um grupo de estudos. Problemas diversos impediram que a proposta vingasse (CUNHA, SOARES, NASCIMENTO, VENTURA, 1976, s/n). Ao mesmo tempo, diferentes organizações – com perfis diferenciados – foram criadas no Rio de Janeiro¹⁰.

Por seu turno, Marlene Oliveira Cunha, que fora bolsista de Beatriz, reencontra na UFF o graduando de História, Sebastião Soares que frequentara as reuniões no Afro-Asiáticos. Resolvem reativar o sonho. Fizeram uma busca ativa por mais adeptos da ideia e foram procurar a professora Beatriz para orientá-los. Alguns professores atenderam ao chamamento da historiadora e se agregam ao sonho: Eduardo Oliveira e Oliveira (USP), Carlos Hasenbalg (IUPERJ) e Maria Berriel (UFF).

Formado por graduandos negros/as de diferentes cursos da UFF, o GTAR tinha como objetivo construir um fórum científico, na universidade pública, com foco nas questões relativas ao negro no Brasil, dentro de uma abordagem das relações raciais, refletindo sobre os diversos aspectos da experiência do negro brasileiro. Para tanto, reuniam pesquisadores negros/as e brancos, com expertise no tema, num diálogo de pares. A ação, visando ao envolvimento do corpo docente e discente¹¹, era desenvolvida por meio de dois movimentos: transmissão de informações e discussão com a comunidade, por meio da Semana de Estudos, utilizando-se como instrumento e produto pedagógico os Cadernos de Estudos.

A proposta do grupo de estudos tem a ver com a própria história de vida de Beatriz que não é muito diferente da história de vida de muitos negros/as brasileiras/os. Ou seja, para que não desistam do curso superior, eles devem, desde o primeiro período, ser envolvidos em um projeto político-pedagógico que agregue valor cognitivo, emocional e afetivo. A não aceitação do corpo coletivo negro pela universidade o exclui do ambiente acadêmico. É fundamental a criação de um quilombo. Ao mesmo tempo em que são conscientizados de quem são, de onde vieram e que o conhecimento que lhes é passado está eivado de valorações. Portanto, devem: aprender a conhecer e saber lidar com maestria com os instrumentos do mundo branco; saber reconhecer os conceitos etnocêntricos; assim como identificar o quanto a cultura dos dominados também reproduz os condicionamentos.

O aprofundamento das suas pesquisas sobre quilombos possibilitou essas inferências, em variados espaços simbólicos. Tais conhecimentos podem ser analisados através da rica abordagem da diáspora e experiência negra em linguagem cinematográfica, por meio do documentário “Ori” (1989), dirigido pela socióloga Raquel Gerber. A película tem como fio condutor a vida da historiadora e ativista Beatriz Nascimento que fez a pesquisa, roteiro e a narração. No documentário, apresentam-se a história dos movimentos negros brasileiro entre 1977 e 1988 e a travessia do Atlântico para encontrar os possíveis contínuos históricos no continente africano.

10 Vários autores discorrem sobre este início dos debates no CEAA, entre eles: MONTEIRO, 1991; ALBERTI & ARAUJO PEREIRA, 2007; ARAUJO PEREIRA, 2013; SEGURA-RAMÍREZ, 2000; NUNES PEREIRA, 2008.

11 Relato completo das metas do GTAR no Histórico do Caderno da Semana de Estudos, cujo conteúdo é referente às palestras nas Semanas de Estudos.

Seção Aruanda

Em outubro de 2018, o ICH/UFF sediou um seminário para lançar a exposição “43 anos do GTAR: ‘ainda’ em busca de um espaço”, que ficou aberto por oito meses na Biblioteca Central do Gragoatá. A iniciativa teve como objetivo dar visibilidade ao acervo do grupo, ao longo dos vinte anos de atuação deste primeiro grupo brasileiro de militância negra dentro do espaço acadêmico. Intelectuais que se relacionaram com Beatriz Nascimento e gestores da organização puderam falar de suas contribuições para a história do negro no Brasil, mas, também, fortaleceram a tese lançada quatro décadas antes, da democratização da universidade pública em todos os níveis. Assim como dar o devido retorno a toda a sociedade, pois é dela sua razão de ser.

A exposição “43 anos do GTAR”, assim como este texto-homenagem, se juntam aos inúmeros trabalhos que vêm sendo publicados sobre Beatriz Nascimento e seu legado. Produção esta que ficara invisível para a academia e para o grande público, apesar de, no “mundo dos pretos”, ela ter tido reconhecimento. Alex Ratts (2007) publica livro sobre a trajetória e legado da historiadora que revela trilhas infundáveis para pesquisas. No campo do audiovisual, o documentário-tese “Ori” foi relançado em 1989 e Gabriel Priolli disponibiliza no YouTube o documentário “O negro: da Senzala ao Soul”. Estas importantes iniciativas aguçaram o interesse por novas pesquisas sobre o legado desta intelectual que nos ensina que:

[...] “hoje o quilombo é o espaço que ocupamos. Quilombo somos nós. Somos parte do Brasil. Esse Brasil democrático, revolucionário que ajudamos a construir é assim que o queremos.

Contra todas as forças conservadoras. Quilombo é hoje o momento de resgate histórico. Estamos presentes em nós, entre nós, no mundo.”

Referências

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. **Histórias do movimento negro no Brasil**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas/CPDOC-FGV, 2007.

ALEXINO, Ricardo. Contribuição de Beatriz Nascimento para o estudo sobre o negro. **Jornal da USP**, São Paulo, 04 jul. 2017. Disponível em: <http://jornal.usp.br/atualidades/a-contribuicao-de-beatriz-nascimento-para-o-estudo-sobre-o-negro/>. Acesso em: 19 jul. 2017.

BARRETO, Raquel. Beatriz Nascimento, uma breve apresentação. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição.

São Paulo: Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

BERRIEL, Maria Maia de Oliveira. **A Identidade fragmentada**: as muitas maneiras de ser negro. São Paulo, 1998. 170 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

CAMPOS, Andreilino de Oliveira. **Do quilombo à favela**: a produção do ‘espaço criminalizado’ no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAMPOS, Andreilino de Oliveira. **O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos**

Seção Aruanda

afro-descendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Haroldo. **Fala crioulo.** Prefácio de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record, 1982.

CUNHA, João Alipio de Oliveira. Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola1: à memória de Marlene de Oliveira Cunha. **Caderno de Campo**, São Paulo, v. 1, n. 26, 2017.

CUNHA, Marlene de Oliveira. **Em busca de um espaço:** a linguagem gestual no candomblé de Angola. 1986. 176 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CUNHA, Marlene de Oliveira; SOARES, Sebastião; NASCIMENTO, Rosa Virgínia; VENTURA, Ana Maria (org.). Histórico. **I Caderno da Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira UFF/ ICHF**, Rio de Janeiro, 1976, p. 02.

GAMA PEREIRA, Ludmila. A ditadura empresarial militar na Universidade Federal Fluminense: a Assessoria de Segurança e Informações e a sistematização do controle, da censura e da repressão aos docentes nos anos 1970. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO 2017- DE O CAPITAL À REVOLUÇÃO DE OUTUBRO (1867 - 1917), ago. 2017, Niterói. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx), 2017. Disponível em: <http://www.niepmarx.blog.br/MM2017/anais2017/MC86/mc861.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

MARTINS, Sandra; THEODORO, Gerson (Togo Yoruba); GOMES, Flávio. Redemocratizando na raça: sobre memórias, intelectuais negros e movimentos sociais contemporâneos (notas de pesquisa). **Histórias: questões & debates.** Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS-UFPR). Paraná, v. 63, n. 2, 2015.

MONTEIRO, Helene. **O ressurgimento do movimento negro no Rio de Janeiro na década de 70.** 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. Além de senzalas e fábricas: um certo número de ideias para uma irrestrita história social do trabalho. In: GOMES, Flávio dos Santos; DOMÍNGOS, Petrônio. **Da nitidez e invisibilidade:** legados do pós-emancipação no Brasil. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

NUNES PEREIRA, José Maria. Os estudos africanos na América Latina: um estudo de caso. O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). In: CLACSO, CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES, 2008, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: CEA-UNC, Centro de Estudios Avanzados-Universidad Nacional de Córdoba, 2008. p. 277-298. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Argentina/cea-unc/20121213122707/16nune.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. De Beatriz Nascimento para Eduardo Oliveira e Oliveira. In: RATTIS, Alex; GOMES, Bethânia. (org.). **Todas (as) distâncias:** poemas, aforismos

Seção Aruanda

e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015. p. 84.

NASCIMENTO, Beatriz. A luta dos quilombos: ontem, hoje e amanhã. **Jornal Mergulho**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan. 1990.

ORÍ. Direção: Raquel Gerber. Fotografia adicional: Adrian Cooper, Jorge Bodanzky e Pedro Farkas. Trilha sonora: Naná Vasconcelos. Pesquisas, texto e narração: Beatriz Nascimento. [S. l.]: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989. Restauração digital 2008 (91 min.).

PEREIRA, Amilcar Araujo. **O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas: FAPERJ, 2013.

RATTS, Alex. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no Movimento Negro de base acadêmica. In: PEREIRA. Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). **O movimento negro brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Nandyala, 2009.

RATTS, Alecsandro (Alex) J.P. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Imprensa Oficial: São Paulo, 2007.

SANTOS, Sales Augusto dos. A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 103-125, 2011.

SEGURA-RAMÍREZ, Héctor. **Revista Estudos Afro-Asiáticos e Relações Raciais no Brasil (1978-1997): elementos para o estudo do subcampo acadêmico das relações raciais no Brasil**. Campinas, 2000. 168 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SILVA, Sandra Martins da. **O GTAR (Grupo de Trabalhos André Rebouças) na Universidade Federal Fluminense: memória social, intelectuais negros e a universidade pública (1975/1995)**. 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

VINHAS, Wagner. **Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento**. 2016. 279f. : il. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25958/1/TeseFinalizadaCDWagberVinhas.pdf>. Acesso em: 10/10/2019.